



ISSN 1984-5634

## ARTIGO

# À MODA DO DIABO: O CORPO DESPIDO E VESTIDO NO BRASIL (1964-1965)

*Devil-fashioned: the naked and dressed body in Brazil (1964-1965)*

**RODRIGO RUI SIMÃO DE MEDEIROS<sup>1</sup>**

### RESUMO

Transgressões contra as normas e costumes dominantes foram algumas das características da moda durante os anos 1960. O presente trabalho pretende ser um estudo sobre o monoquíni, um tipo de biquíni criado em 1964 sem a parte de cima. A repercussão, julgamento e censura para com esta peça foram demasiadas, inclusive no Brasil, onde foram amplamente divulgadas nos periódicos matérias sensacionalistas sobre a nova moda do corpo despido. Neste artigo, pretendo fazer uma análise do monoquíni enquanto uma peça que rompeu com os padrões da moda-praia da época, o poder que a imprensa e outras instituições, como a Igreja, tiveram na censura da peça e no controle do corpo feminino da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Moda. Monoquíni.

### ABSTRACT

Transgressions against dominant norms and customs were some of the characteristics of fashion during the 1960s. The present work intends to be a study about the monokini, created in 1964, that was a bikini without the top part. The repercussion, judgment and censorship for this piece was too much, even in Brazil, where sensationalist articles about the new fashion of the naked body were widely disseminated in the periodicals. In this article, I intend to make an analysis of the monokini as a piece that broke with the standards of beachwear of the time, the power that the press and other institutions, such as the Church, had in the censorship of the piece and in the control of the female body of the time.

**KEYWORDS:** History. Fashion. Monokini.

### EDITOR-CHEFE:

Lúcio Geller Junior

### EDITORA-GERENTE:

Maria Eduarda Magro

**SUBMETIDO:** 09.09.2021

**ACEITO:** 05.12.2021

### COMO CITAR:

MEDEIROS, R. R. S. À moda do diabo: o corpo despido e vestido no Brasil (1964-1965). *Aedos*, v. 14, n. 31, p. 237-251, jul.–dez., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: rodrigorui19980@outlook.com.

## INTRODUÇÃO OU OS ESTUDOS SOBRE MODA E A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA

**A** pesar de ainda ser um campo pouco estudado na História, os estudos sobre moda e seus temas transversais têm ganhado espaço em nossa área nos últimos anos. Outrora os estudos se davam principalmente no campo da Filosofia e da Sociologia; atualmente, no entanto, influenciada pelos estudos sociológicos, os trabalhos de História que trazem a moda como protagonista na pesquisa têm se tornado mais regulares.

Como abordou a historiadora Daniela Calanca (2011, p. 38), a história da moda seria a “história de como éramos e também de como poderemos e poderíamos ser, uma chave para compreender as transformações da cultura”. Transformações essas que nos levam a compreender os processos de constructos socioculturais que são fruto do espaço e do tempo em que vivemos. E assim a moda acaba se tornando um importante instrumento para compreendermos a História e as relações humanas no âmbito da distinção de classe social por meio da vestimenta, as relações de gênero, assim como as conexões transnacionais na produção e difusão de bens culturais.

Walter Benjamin (1982, p. 112) em sua obra *Passagens* – que escreveu entre 1927 e 1940 – se dedicou também a pensar a moda como um sistema efêmero: “as modas são um medicamento que deve compensar na escala coletiva os efeitos nefastos do esquecimento. Quanto mais efêmera é uma época, tanto mais ela se orienta na moda.” Benjamin compreendia a moda dessa forma, como também a entendia enquanto um instrumento que reforçava as fronteiras de *status* entre as classes sociais. Assim como abordou Santos (2009, p. 54-55):

Os primeiros indícios daquilo que posteriormente será a moda brotam da necessidade de diferenciação. Essa vontade está atrelada, principalmente a dois fatores: o advento das cidades e dos espaços urbanos na Renascença, no final da Idade Média e a ascensão econômica da burguesia. A organização da vida em espaços urbanos promove a aproximação entre os indivíduos, daí o anseio pela distinção, do tornar-se único em meio a tantos.

Assim como abordou Santos (2009), Nacif (2012, p. 1088) também percebeu que os espaços urbanos, principalmente os grandes centros, eram mais propícios para a difusão das tendências de moda, pois, segundo ela “nas indumentárias mutantes, os aspectos estético-plásticos se relacionam, dialeticamente, com a cidade.” As grandes cidades como centro financeiro e cultural acabavam sendo “incubadoras” de novas tendências e modas, que na maioria das vezes surgiam na classe média ou na elite, que as usavam como uma forma de ostentação do luxo.

Percebemos, então, que a moda serve principalmente ao papel de distinção dos indivíduos, seja cultural, regional e/ou de classe social. No entanto, precisamos enfatizar o último ponto, pois a moda sendo transformada em um fator social no seio da burguesia nos faz pensar nela como um instrumento das classes dominantes. Marx e Engels (2001, p. 48) escreveram no século XIX que: “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual”. Nesse sentido, devemos nos atentar que a indústria da beleza e do vestuário funcionam de forma a perpetuar a cultura dominante das classes dominantes, difundindo estes gostos vestimentas e educando a população a aceitá-los como canônicos.

Assim, foi sendo tecido o sistema da moda, em cima das desigualdades sociais, reforçando e forjando padrões estéticos. Às vezes negociando fronteiras simbólicas entre uma classe e outra, simulando uma ascensão da classe média para a elite por meio do poder aquisitivo de se vestir como aquela dita superior. Entretanto, é interessante para a mesma elite ter a moda renovada constantemente para poder não ter sua imagem vinculada com as camadas médias. Quando um tipo de produto de moda se difunde demasiadamente ao ponto de grande parte das classes inferiores já terem acoplado este produto à sua vida, os de cima surgem com novos produtos e novas modas, sempre em busca da distinção. Bourdieu (2007, p. 19) lê isto como a dialética da distinção:

A dialética da divulgação e da distinção dá conta, inteiramente, tanto do funcionamento do sistema quanto das mudanças incessantes que o caracterizam. De fato, um estilo deve mudar necessariamente quando já foi totalmente divulgado, uma vez que, se pretendo ser um signo distintivo, não pode universalizar-se sem que perca a significação, o “valor” que deriva de sua posição num sistema e de sua oposição aos outros elementos do sistema.

Essa dialética da distinção é importante para regular as fronteiras de *status* social entre as classes. Desta forma, compreendemos que a moda é um sistema que se apoia em alguns pilares, dentre eles está um dos principais: a distinção social. Esta distinção que fez a moda ser tão desejada, ser tão reforçada como um instrumento de identidade, e que fez esta indústria tomar proporções globais, se tornando um dos maiores setores industriais.

Neste trabalho, a roupa ou a vestimenta são entendidas como peças para revestir o corpo, com um objetivo quase que exclusivamente prático (CALANCA, 2011); já a moda seria um sistema complexo que envolve criadores, criações, *marketing*, arte, *status* social, e que não se aplica somente ao vestuário (SVENDSEN, 2010). Assim, entendemos a moda como um grande sistema, e as roupas, cosméticos e acessórios são parte dele. Sendo um sistema que nos dá a sensação de inclusão, mas que ao mesmo tempo é excludente, como refletiram estudiosos como Diana Crane, Pierre Bourdieu e Walter Benjamin.

Desta maneira, este sistema da moda vem sendo moldando de forma que regule estas fronteiras simbólicas que são usadas como forma de distinção social. Como refletiu Crane (2013, p. 21): “o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de *status*”. Assim sendo, compreendemos a moda como um importante demarcador de distinção entre as classes sociais, mesmo se houver a imitação da vestimenta da elite por parte das classes populares, nós entendemos que os bens culturais são dotados de um valor simbólico, impossibilitando uma equidade entre as classes sociais por meio da moda.

A moda enquanto um sistema usa de vários artifícios para se propagar, como o marketing, a arte e a fotografia. Segundo Rainho (2014, p. 48), a fotografia de moda é “um mapa”, assim como diz: “em todas essas imagens as vestimentas funcionam como pontos de condensação, ativando questões relacionadas aos *displays* de gênero, corpo, cultura material, hábitos de consumo, distinção social”. Nos atentando a isto, percebemos a importância que a fotografia tem nos estudos da moda, e sua relevância para compreendermos como se dava a produção e divulgação das tendências de uma determinada época. Assim como as matérias tecidas acerca desta moda também são relevantes para o nosso estudo, pois ali estão introduzidas opiniões e acontecimentos que circundaram estas tendências e no que implicaram na sociedade.

Nesta pesquisa, foi usado como principal acervo a *Hemeroteca digital* da *Biblioteca Nacional*, onde todos os periódicos aqui citados estão digitalizados. Assim sendo, o foco se deu em três jornais, sendo eles: *Diário de Pernambuco*, do Recife, que contou com trinta e seis ocorrências sobre o monoquíni, só no ano de 1964; o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, que contou com treze ocorrências; e o *Correio da Manhã*, que possui cinquenta e três ocorrências. Desta forma, é interessante abordarmos matérias de jornais levando em conta o papel que a imprensa tem e tinha na época, seu poder de formular opiniões públicas a respeito de diversos assuntos. Como abordam Cruz e Peixoto (2007, p. 259):

Indique-se também que jornais e revistas tais como os conhecemos são artefatos da modernidade e, no processo de sua configuração enquanto materialidade, carregam para dentro de sua composição, dentro dos limites e possibilidades colocadas pela técnica da impressão, as linguagens e gêneros que foram aí inventadas.

Desta forma, compreendemos a importância da mídia impressa do período como fonte para o que estava acontecendo. No entanto, sem esquecer de problematizar, pensando na grande imprensa como influenciadora nas opiniões dos leitores do impresso, e naquele período boa parte dos leitores faziam parte da classe média e alta letrada. Qual foi a recepção da imprensa para com esta nova moda que estava chegando ao país logo após um golpe militar? Qual foi o discurso tecido sobre o monoquíni?

## O MUNDO EM CONTEXTO

Em 1959, deu-se um dos maiores acontecimentos anti-imperialistas do século XX, a Revolução Cubana. Tal movimento buscou a libertação do povo cubano das mãos do imperialismo estadunidense e serviu de inspiração para a esquerda internacional daquele ano em diante, que via em revolucionários como Fidel Castro e Che Guevara figuras importantes na luta anti-imperialista, como também da luta armada. Estas influências também se deram no campo estético, quando ainda nos anos 1960 se tornou comum encontrar jovens de esquerda utilizando camisetas com a fotografia do rosto de Che, tirada pelo fotógrafo cubano Alberto Korda (1928 – 2001), estampado, ou mesmo utilizando barba grande, assim ajudando a construir uma estética de esquerda.

Ainda nessa década, acentuavam-se os debates do que viria a ser chamado de “feminismo de segunda onda”. Diferente da “primeira onda”, que lutava principalmente pelos direitos civis das mulheres, como o direito ao voto, a segunda aprofundava a discussão sobre a desigualdade de classe, a diferença salarial entre homens e mulheres, o patriarcado, os métodos contraceptivos, entre outras. Foi um movimento que teve origem principalmente nos EUA, e espalhou-se pelo mundo. Estes debates também ajudaram a pensar e discutir a libertação do corpo feminino, o direito de a mulher usar a roupa que quisesse, como também pensar o direito à vida de corpos marginalizados, como das pessoas LGBTQ+.

Em meio a este contexto, em 1961 a União Soviética conseguiu enviar o primeiro homem ao espaço, gerando assim um tensionamento na dita “corrida espacial” entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América. Esta corrida influenciou bastante na cultura, principalmente na TV, no cinema, e na moda. No campo da moda André Courregès tomou a dianteira e apresentou sua *Space Era*, em 1964, que inovou e ofereceu uma estética diferente do que se estava produzindo na época.

Esta “era espacial” do estilista ajudou a construir o que viria no decorrer da década de 60 em diante, como o uso de minissaia – peça que André Courregès dizia que havia criado, no entanto na maioria das vezes a estilista inglesa Mary Quant é creditada como a criadora da minissaia – e o uso de minivestidos, como também de outros materiais nas peças de roupa. Esse foi, portanto, um período de forte ebulição cultural, com o surgimento de alguns movimentos de contracultura, a juventude tendo mais acesso às universidades, os jovens questionando sobre o controle das instituições sobre os seus corpos, tornando-se assim um período favorável a esta nova moda que se propunha a romper alguns padrões impostos. Assim, percebemos que a moda estava nesse momento se inserindo no seio da juventude, ao passo que o seu sistema também era questionado como uma das ferramentas de controle dos corpos – principalmente do corpo feminino – e também dos gostos.



**Figuras 1 e 2** – *Space Era* (1964)  
Fonte: *Formidable Mag*<sup>2</sup>

Na primeira foto, vemos um vestido curto, acima dos joelhos, com círculos que deixavam boa parte do corpo da modelo desnudo, em uma época que cobrir o corpo era sinal de elegância. As formas do vestido nos fazem pensar em astronautas e foguetes, trazendo a ideia da corrida espacial que estava em alta. Já na segunda fotografia, as três modelos pulam de uma forma que parece que estavam flutuando, remetendo mais uma vez uma ideia das corridas espaciais. Os vestidos das modelos são curtos e joviais, com meias que reforçavam a ideia de juventude, que estava muito presente nas criações desta década, que pela primeira vez inseriu os jovens no mundo da moda.

Percebemos nestas imagens o protagonismo não só das roupas, mas também dos corpos. Até meados dos anos 60 as modelos não tinham muito destaque nas fotografias de moda, pois o foco seria essencialmente a roupa. É interessante saber que as vestimentas até a metade desta década não tinham como intenção a mobilidade do corpo da mulher, pelo contrário, pois quem usava as roupas da moda, segundo a visão da indústria, não seria uma mulher que precisasse trabalhar movimentando o corpo,

<sup>2</sup> Figuras 1 e 2 disponíveis em: < <https://www.formidablemag.com/andre-courreges/> > Acessado em 24/08/2019.

por exemplo. Sendo assim, isto se refletia também nas fotografias, que mostravam as modelos estáticas, como bonecas, e a roupa vestia a modelo. Como diz Villaça (2014, p. 183):

A mulher ainda é um manequim (no sentido de objeto) para as roupas, pois é anônima, estática e sem atitude. Sua função na foto é representar o ideal de mulher do início da década e apresentar as coleções que se encaixam nesse estilo. As poses são semelhantes e seguem uma estrutura alongada que destaca a graciosidade típica de bailarinas. As mãos são colocadas de forma elegante, ora apoiadas na cintura, ora refinadamente soltas ao vento. As modelos frequentemente tem os pés levemente inclinados, quase em ponta.

Assim, percebemos que estas fotografias de moda do ano de 1964 destoam do que era exibido no começo da década, como corpos estáticos e com uma estética que se distanciava da juventude. Nestas fotos das coleções de Courregès, notamos que a mulher é também protagonista da imagem e não somente a vestimenta. Ela veste a roupa, e não o contrário. Seu corpo está em movimento, indicando uma maior liberdade feminina que poderia estar por vir. A libertação do corpo feminino estava realmente em curso? E a libertação dos gostos vestimentares dominantes propagados pelas grandes grifes e estilistas internacionais?

Até meados dos anos 1960, a indústria da moda, quase hegemonicamente, se dava de “cima para baixo”, como abordou Braga e Prado (2011, p. 18) “um processo de reinvenção dos modos de se vestir que passou a ser cíclico, sempre vindo de cima para baixo: partindo do topo da nobreza rumo aos burgueses. Esse fenômeno, com o tempo, ganhou o nome de moda”.

Este fenômeno permaneceu hegemônico até aquela década, quando a moda “de baixo para cima” ganhou forma. “A partir da década de 1960, a compreensão da mudança de moda requer um novo modelo. A mudança de moda não pode mais ser inteiramente entendida como um processo de difusão das elites para o resto da população.” (CRANE, 2011, p. 66). No entanto, como já observado, podemos entender que a moda a partir desta década não se dava exclusivamente de cima para baixo, porém é importante ressaltar que ela, como um sistema complexo, era (e ainda é) regida pelas classes dominantes.

Porém, qual a ligação disto com o nosso país? O Brasil, em 1964, tinha acabado de sofrer um golpe militar e via a democracia ser esfacelada por um regime que não aceitava as ideias dissidentes. Durante vinte e cinco anos os fios da democracia brasileira foram sendo cortados, enquanto as ideias dissidentes e contrárias aos que governavam cresciam. Músicas, filmes, e outras expressões da arte passavam pela régua da censura; o conservadorismo crescia, ao passo que uma busca maior pela liberdade política, do corpo, e de ideias tomavam conta do contexto da época, transformando a década de 60 em um marco na produção artística, como também um momento em que os movimentos feministas e o movimento gay se inseriam com mais afinco em nossa realidade, onde os debates de esquerda se afloraram, e com a moda não seria diferente.

O ano de 1964, no Brasil, foi marcado pelo golpe militar no dia 31 de março, que desencadeou a ditadura que duraria até 1985, com os militares no poder. Ditadura esta que perseguiu militantes comunistas e socialistas, partidos políticos, estudantes, como também homens e mulheres LGBT's

(MEMÓRIAS DA DITADURA, s/d).<sup>3</sup> O conservadorismo também era um dos pilares dos valores da ditadura, como de boa parte da elite da época, que protagonizou marchas como a “Marcha da família com Deus pela liberdade”. Que segundo o CPDOC (s/d):

Movimento organizado no início de 1964 com a finalidade de sensibilizar a opinião pública contra as medidas que vinham sendo adotadas pelo governo João Goulart. Congregou setores da classe média temerosos do “perigo comunista” e favoráveis à deposição do presidente da República. Dissolveu-se pouco depois do movimento político-militar de 31 de março de 1964.

Apesar disso, o país a partir deste período passava por um momento de crescimento econômico, apesar da perseguição para com as ideias dissidentes do governo. Como nos diz Almeida e Weis (2002, p. 333) “a combinação de autoritarismo e crescimento econômico deixou a oposição de classe média ao mesmo tempo sob o chicote e o afago”. Como também comentaram Mello e Novais (2007, p. 560-561):

Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos no processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham ritmo acelerado. O ano de 1964 marca uma inflexão, com a mudança do “modelo” econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967-68.

Esta mudança econômica abrangeu diversos setores, como o tecnológico, levando a difusão de itens como a televisão, o rádio. Há também um considerável crescimento do setor de cosméticos, que ligado ao *marketing* conseguiu adentrar os lares brasileiros, da elite até as classes mais populares. Como também podemos citar a moda, pois o setor têxtil cresceu consideravelmente no período, que ajudou a fomentar uma ideia de moda brasileira, resultando assim no aparecimento de grandes novos estilistas, que pretendiam difundir uma moda com a cara da nossa cultura.

A moda no Brasil, desde o século XIX, bebeu muito das criações europeias, que se difundiam por meio de jornais impressos e revistas que eram voltados principalmente ao público feminino letrado. Estes periódicos, como *A Estação*, traziam novidades referentes às artes plásticas, a literatura, como também da moda europeia. Sua difusão em nosso país se perpetuou no século XX, no entanto, é em meados dos anos 1960 que isto começou a mudar. Como diz Avelar (2011, p. 107): “É só na década de 1960 que alguns estilistas, como Zuzu Angel (no Rio de Janeiro) e Dener (em São Paulo), passam a atrair as atenções das elites e da imprensa com criações que ousam apresentar personalidade própria”.

Percebemos, então, que mesmo em um contexto de forte crescimento da globalização nos seguimentos da cultura, e da importação desenfreada de bens simbólicos, ainda havia um processo de construção de uma moda com identidade brasileira. No entanto, as criações estrangeiras, principalmente as que vinham da Europa e dos Estados Unidos, ainda tinham o maior destaque na imprensa. Como também estavam ocorrendo uma série de mudanças no vestuário da população, especialmente no voltado para as mulheres.

<sup>3</sup> Por parte do Estado, a exigência de adequação do conjunto da sociedade ao padrão moral ultraconservador fez com que os homossexuais fossem perseguidos, conforme apontam diversas pesquisas desenvolvidas por especialistas sobre o período ditatorial. A discriminação sistemática estendeu-se também ao mundo do trabalho. Um exemplo foi a organização da chamada “Comissão de Investigação Sumária”, instalada em 1969 no Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty). Seu objetivo era a repressão a homossexuais, alcoólatras e a pessoas consideradas emocionalmente instáveis, dentro do Itamaraty. Memórias da Ditadura. Disponível em: < <http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/> > Acessado em: 05/09/2021,

O sutiã perde a armação, fica mole: resultado, inclusive, da diminuição dos seios, as mulheres, agora, muito mais magras. Os calçolões são substituídos pela calça-biquíni. Desapareceu o saiote do maiô inteiro, feito para encobrir as partes pudendas. Vem o “duas peças”, depois o biquíni, culminando no fio-dental. O comprimento das saias oscilou com a moda, mas o importante é que não há mais comprimento mínimo: lembremo-nos das minissaias dos anos 60. (MELLO; NOVAIS, 2007, p. 571-572).

Assim, percebemos que a industrialização do período, ligada a um avanço econômico ajudaram a resultar em uma modernidade que ia avançando no campo do consumo, como a criação de shopping centers, lojas de departamento, e um maior avanço da indústria do vestuário. Como vimos, a moda da época refletia o contexto social e cultural do Ocidente, levando para as criações a estética que poderia atrair os olhares do público, e que também houvesse uma maior identificação entre consumidor e produto. À vista disso, analisamos que a década de 1960, desde os seus primeiros anos, foi um período que contou com a insurgência de movimentos sociais em vários países, um clamor por liberdade frente às ditaduras e governos autoritários que ascendiam naquela época, um maior debate sobre a libertação do corpo, principalmente o feminino. Desta forma, a moda foi bebendo destes discursos e trazendo ao público diversas criações que poderiam refletir este anseio por liberdade, como a criação do monoquíni.

#### “MODA ‘DESCOBERTA’”<sup>4</sup>

O monoquíni foi uma peça criada em 1964, com o intuito de ser um maiô sem a parte de cima, deixando a mulher de *topless*. O maiô foi criado pelo designer austríaco Rudi Gernreich, e usado pela primeira vez pela modelo estadunidense Peggy Moffitt. Ainda naquele ano o monoquíni chegava às lojas estadunidenses e europeias, e logo virou notícia no mundo todo e sendo exportado para outros países, como o Brasil. Segundo Maria do Carmo Rainho (2014, p. 213):

A peça foi lançada em 1964 pelo costureiro norte-americano Rudi Gernreich, a partir de uma provocação da jornalista Susanne Kirtland, da revista *Look*, que o convidou a criar um traje de banho sem a parte superior para um editorial ‘futurista’ da publicação. O desafio surgiu após uma entrevista concedida pelo costureiro à *Women’s Wear Daily*, em 1962, na qual afirmava que, em cinco anos, as mulheres não usariam mais a parte de cima do biquíni.

Observamos que a busca por uma estética que fosse “futurista” também estava presente nas criações dos estadunidenses. Esta busca estava fortemente presente nesta década, sendo uma forma de tentar prever como a sociedade poderia se vestir dentro de alguns anos. De Gernreich à Courrèges, tal busca tentava fugir dos padrões vigentes no período, que ainda desempenhavam a função de vestir uma mulher “recatada”, que servisse à sua família, e que não fugisse dos padrões impostos.

4 Título da matéria da edição do dia 24 de junho de 1964, Correio da Manhã, 2º caderno, p. 3.



**Figura 3** – Fotografia de Paul Schutzer para a *LIFE Magazine* (1964)  
Fonte: *Messy Nessy*<sup>5</sup>



**Figura 4** – Fotografia de Paul Schutzer para a *LIFE Magazine* (1964)  
Fonte: *Messy Nessy*

As fotografias retratam bem a peça, que escondia a barriga, e a parte de baixo cobria bem os glúteos, seguindo o padrão da época. As duas imagens, tiradas pelo fotógrafo Paul Schutzer em junho de 1964, mostram ilustram a dualidade do monoquíni. Na primeira imagem, a modelo está sentada na beira da piscina, demonstrando segurança com o próprio corpo, aproveitando o momento de liberdade que a peça proporcionou. Já na segunda imagem, vemos um dos fotógrafos da imprensa tentando apalpar os seus seios, sentindo-se convidado a tocá-los pelo fato de eles estarem desnudos. No entanto, como foi a recepção da imprensa acerca desta nova tendência?

<sup>5</sup> Figuras 03 e 04 disponíveis em: < <https://www.messynessychic.com/2014/03/05/the-first-monokini-trying-to-make-the-topless-swimsuit-happen-in-1964/>> Acessado em: 25/05/2021

A primeira matéria sobre o monoquíni encontrada no *Jornal do Brasil* data de 02 de julho de 1964, intitulada *Damas mexicanas fundam a Liga de Defesa Contra o maiô sem porta-seios*. Nela fala-se que as mulheres e as autoridades mexicanas estão contra o “novo maiô lançado pelos norte-americanos” e em seguida falando que a atriz mexicana Tavera Paramo foi detida pela polícia por ter usado o maiô.

#### **Damas mexicanas fundam a Liga de Defesa contra o maiô sem porta-seios**

México (DAP – JB) – A fiscalização do México está tomando posição contra o novo maiô lançado pelos americanos, enquanto a sociedade repele a moda sem porta-seios, tendo algumas damas fundado a Liga de Defesa contra o monoquíni, segundo o jornal *Novidades*.

A atriz mexicana Tavera Paramo se mostrou em público com o traje de uma peça só e foi detida pela polícia, ato que desgostou seus admiradores e uma parcela da opinião pública.

#### **OUTRA CAMPANHA**

Telaviv (PP – JB) – Duas deputadas de Israel lançaram uma campanha contra os novos trajes de banho desenhados em Nova Iorque, já em exposição em algumas lojas de Jerusalém.

As Sras. Bebe Idelshon e Trova Sanhedral convidaram nove colegas para apresentar projeto de lei, proibindo a venda daqueles maiôs que a nova legislação israelense jamais cogitou. (JORNAL DO BRASIL, 02 de julho de 1964, 1º caderno, p. 13.).

A matéria acima dá destaque para duas coisas: a proibição da peça em público, havendo o risco de uma detenção da “infratora” pelas autoridades de polícia local; e também a forma como a sociedade repeliu o uso do monoquíni, dando destaque para uma “Liga de defesa contra o maiô sem porta-seios”, que seria protagonizada por mulheres, e não por homens. No entanto, na matéria diz que os “admiradores” da atriz mexicana ficaram desgostosos por sua detenção. Assim, como em outras publicações posteriores, é abordado que muitas mulheres não gostaram do sucesso do novo monoquíni, porém os homens gostaram, pois poderiam observar as mulheres de *topless* nas praias. Isto reforça a ideia de que a mulher seria um objeto recreativo para os homens, pois em meio a um momento de libertação do corpo feminino, este acabava sofrendo mais uma forma de sexualização por parte da sociedade.

Assim, observamos que para uma parte da sociedade o monoquíni poderia parecer algo que ia contra os valores da época, todavia servia também para os homens sexualizarem o corpo feminino. Já algumas das primeiras matérias encontradas no jornal carioca *Correio da Manhã* dos dias 1º e 2 de julho de 1964, sendo a primeira intitulada *Monoquíni & Censura*, narrando que a moda surgiu nos Estados Unidos e logo foi aceita na Inglaterra. Já a segunda se refere a uma tentativa de suicídio provocada pelo monoquíni.

#### **Monoquíni & Censura**

A nova moda feminina – os maiôs sem soutiens – lançada nos Estados Unidos com adesão imediata na Inglaterra, continua provocando as mais diversas reações. Na França diversos prefeitos se pronunciaram a respeito. Uma das reações mais realista foi do prefeito de Toulon que disse: “Esta exibição me parece nefasta pois nem todos os bustos corresponderão aos critérios necessários para serem admirados. Se tudo fosse perfeito então poderíamos considerar o problema sob outro ângulo”. Acrescentando que esta moda será provavelmente usada pelas mulheres que “mais interessa tenham em se vestir bem”. (CORREIO DA MANHÃ, 01 de julho de 1964, 2º caderno, p. 2.).

### “MONOQUÍNI” dá tentativa de suicídio

Lima, Malmoe e Londres (UPI – AP – FP – CM) – Encontra-se fora de perigo a modelo peruana Paquita Rodriguez que, depois de posar para os jornais com um maiô sem soutien, entrou em choque com seus familiares e tentou o suicídio. Ingerindo forte dose de barbitúrico, Paquita esteve a ponto de se transformar na primeira vítima da nova moda.

O arcebispo Canterbury, primaz da Igreja da Inglaterra, declarou ontem que os cristãos deveriam reagir com desaprovação aos trajes que põem o busto a descoberto, em vez de sobressaltar-se. “Deveriam expressar seu desgosto ante qualquer coisa indecente” – acrescentou, durante uma entrevista à imprensa. (CORREIO DA MANHÃ, 02 de julho de 1964, 1º caderno, p. 13.).

Com um título chamativo, a matéria do dia 1º de julho relata que a moda do monoquíni conseguiu adentrar a Europa, porém na França as ações dos prefeitos são de repressão e censura para quem usasse a peça. No entanto, os prefeitos discutem sobre o uso do maiô e também falam sobre o corpo feminino, pois “nem todos os bustos corresponderão aos critérios necessários para serem admirados” (CORREIO DA MANHÃ, 01 de julho de 1964, p. 2).

Já a outra relata sobre uma tentativa de suicídio provocada pelo uso do maiô. Diz-se que a modelo “esteve a ponto de se transformar na primeira vítima da nova moda.” Percebe-se que a culpa da tentativa de suicídio é colocada em cima da moda, transformando o monoquíni no algoz, que poderia levar mulheres à morte, e nada é discutido sobre o conservadorismo da época que de fato teria levado a modelo a tentar tirar a própria vida. Usar o monoquíni seria um ato de rebeldia e poderia levar mulheres para o caminho da morte. Outra matéria interessante é intitulada *Monoquíni no Rio provoca ameaças* (CORREIO DA MANHÃ, 09 de julho de 1964, p. 9), na qual fala-se do valor da peça, que custaria Cr\$ 12.000, como também são abordadas as ameaças de apedrejamento que a loja recebeu por telefone, por exibir a nova moda na vitrine.

Estas matérias nos fazem pensar em algumas questões: a) a resistência em aceitar modas que furassem a bolha normativa; b) o controle da sociedade e das instituições sobre os corpos femininos; c) o rompimento com alguns padrões que a moda dos anos 1960 se propôs.

Matérias como estas foram rapidamente se espalhando pelos grandes periódicos brasileiros, como os jornais da capital carioca *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, o pernambucano *Diário de Pernambuco*, como também no Sul do país com o periódico *Diário de Notícias*, de Porto Alegre. Estas serviram de instrumento para moldar a opinião pública, e transformar rapidamente o monoquíni em um item pecaminoso. Como podemos ver na matéria *Monoquíni assusta mulher mineira*, presente no *Correio da Manhã* do dia 23 de julho de 1964, que relata que cerca de sessenta mulheres marcharam com terços nas mãos em direção a uma loja, para exigir que o proprietário retirasse o monoquíni que ali estava sendo exibido na vitrine. Notamos que em menos de um mês a nova peça que poderia representar uma maior liberdade do corpo feminino, logo se metamorfoseou em uma *moda do diabo*.

Também são muitas as matérias que mostram mulheres sendo detidas em outros países, como na França, Colômbia, México, etc, assim como padres e políticos protestando contra, como também passeatas que ocorreram para retirar a peça das vitrines das lojas brasileiras. É possível observar também na matéria do dia 19 de julho de 1964 do *Jornal do Brasil*, que em Porto Alegre uma emissora de televisão resolveu mostrar o monoquíni ao vivo, resultando numa suspensão de 24 horas por parte do Departamento de Censura.

O monoquíni é aqui entendido como um ato de transgressão e rompimento com os valores dominantes da época. Nos atentando as matérias dispostas em alguns periódicos, como nos dois jornais da capital carioca *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, percebemos que o discurso da imprensa e de outras instituições acerca do monoquíni é de uma peça que se pretendia como uma quebra da moral e dos bons costumes, assim como da família.



**Figura 5** – Moda “despida”

Fonte: Acervo da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional<sup>6</sup>

A imagem acima foi retirada da primeira matéria do *Correio da Manhã* sobre o monoquíni, e ilustra bem o que seria a peça em 1964. Na imagem, vemos uma mulher sentada na areia da praia, usando o maiô. Atrás dela, vemos alguns carros, entre eles uma viatura de polícia. Ela está olhando atentamente para a viatura enquanto toma sol. Com os seios à mostra, a sensação de liberdade; com a viatura no local, a sensação de repressão. Em meio à ditadura civil-militar, que com seus valores conservadores reprimiu ideias dissidentes, liberdades sexuais e de expressão de gênero, como também movimentos culturais que tentavam subverter a censura, houve o monoquíni. Portar o monoquíni durante este contexto pode ser entendido como um ato de transgressão, e de subversão dos valores dominantes da época.

<sup>6</sup> CORREIO DA MANHÃ, 24 de junho de 1964, 2º caderno, p. 3

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso do monoquíni ou da “moda despida” foi imediato. Matérias e mais matérias invadiram os periódicos da época, tecendo comentários, muitas vezes sensacionalistas, sobre a nova moda. Foram das mais variadas formas, às vezes mostrando imagens da peça, para causar um alarde, mas também houve o caso do *Diário de Pernambuco*, que em sua primeira matéria, que contaria com a fotografia da peça, não exibiu a imagem, pois esta supostamente havia sido roubada (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05 de julho 1964, p. 8). Desta forma, tanto a exibição quanto a não-exibição da vestimenta provocavam o imaginário dos leitores. Quando lemos “monoquíni” nas páginas dos periódicos, este aparece sempre seguido de palavras como “ameaça”, “censura”, “polêmica”, tornando o maiô um fomentador de matérias sensacionalistas.

Apesar do conservadorismo que crescia, como bem observado, o monoquíni foi uma sensação na imprensa brasileira no ano de 1964. Marchas foram organizadas - principalmente por pessoas religiosas que seguiam o discurso da Igreja de que o monoquíni seria uma afronta aos bons costumes - para retirar o monoquíni das vitrines das lojas, nos lembrando de passeatas como a “Marcha da família com Deus pela liberdade”, que foi um ponto crucial no conservadorismo brasileiro da segunda metade do século XX. E este discurso conservador da época era refletido nas matérias jornalísticas sobre a nova moda.

No entanto, analisando as páginas dispostas nos jornais, é perceptível que o ápice do monoquíni teve uma breve duração, entre 1964 e 1965, sendo citado nos anos seguintes de forma pontual, ou para lembrar aos leitores que a tendência já havia passado. Como defendeu Walter Benjamin (1982, p. 112): “as modas são um medicamento que deve compensar na escala coletiva os efeitos nefastos do esquecimento. Quanto mais efêmera é uma época, tanto mais ela se orienta na moda”. Desta forma, analisamos que o efêmero é um dos remédios da indústria da moda. “Se a moda a cada ano destrói o que acaba de adorar, adora o que acaba de destruir” (RAINHO, 2014, p. 237, apud BARTHES, 2005, p. 367).

Tendências como o monoquíni foram fundamentais para incentivar debates em torno do direito aos corpos e à liberdade sexual, em sintonia com diversos movimentos à época, como o feminista e homossexual. Todavia, reações ultraconservadoras a elas, com apoio estatal em vários países, colocaram limites reais à sensação de liberdade que tais modas trouxeram aos jovens do momento. Assim, ficamos com algumas inquietações para as pesquisas futuras: só com a peça, é possível inferir se o criador estava propondo uma libertação do corpo feminino, ou uma objetificação deste? De que forma a moda pode se converter num instrumento de emancipação dos corpos? Como se poderia chegar a isso. E quem seriam os agentes transformadores? De alguma forma, este artigo buscou explorar algumas dessas inquietações.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

CORREIO DA MANHÃ, 02 de julho de 1964, 1º caderno, p. 13.

CORREIO DA MANHÃ, 01 de julho de 1964, 2º caderno, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ, 09 de julho de 1964, 1º caderno, p. 9.

CORREIO DA MANHÃ, 23 de julho de 1964, 2º caderno, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ, 24 de junho de 1964, 2º caderno, p. 3.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05 de julho 1964, 3º caderno, p. 8.

JORNAL DO BRASIL, 02 de julho de 1964, 1º caderno, p. 13.

JORNAL DO BRASIL, 19 de julho de 1964, 1º caderno, p. 25.

### Bibliografia

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCS, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. V.4.p.319-409.

ANGUS, Emily; BAUDIS, Macushla; WOODCOCK, Philippa. *Dicionário de Moda*. São Paulo: Publifolha, 2015.

AQUINO, Maria Aparecida. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968- 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: o Estado de São Paulo e o movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

AVELAR, Suzana. *Moda, globalização e novas tecnologias*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. São Paulo: Difusão Editorial, 2010.

BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. *O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 34, 2001.

- BURKE, Peter. Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- CALANCA, Daniela. História Social da Moda. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2011.
- CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ensaios sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Senac, 2011.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253 – 270, dez. 2007.
- DEBOM, Paulo. O Vestuário e a Moda enquanto fontes para o estudo da História. Rio de Janeiro, ANPUH-Rio. 2014.
- FERREIRA, Vilma Moreira. A contribuição do Caderno B do Jornal do Brasil durante o período de repressão política do regime militar. Alcar, Porto Alegre. 2008
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCS, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. V.4. p. 559 – 658.
- NACIF, Maria Cristina Volpi. Espaço, moda e vestuário – ou um esboço do lugar das roupas no campo da História da Arte. In: Colóquio CBHA – Direções e sentidos da História da Arte, 32, 2012, Brasília. Anais, Brasília: Universidade de Brasília, 2012, p. 1125 – 1137. Disponível em: <<https://bit.ly/3zGlZSu>> acesso em: 28 mai. 2021.
- PRADO, Luís André do; BRAGA, João. História da moda no Brasil: das influências às autorreferências. Barueri: Disal Editora, 2011.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Moda e revolução nos anos 1960. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2014.
- SANTOS, Gesiel Prado. No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- SVENDSEN, Lars. Moda: uma filosofia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.
- VILLAÇA, Nízia. A edição do corpo: tecnociência, artes e moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.